

Brasília no Festival

Paisagem física e atores da cidade estão em seis dos longas-metragens que disputam vaga no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

São Paulo - Pela primeira vez na história do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro - que este ano chega à sua trigésima-segunda edição (23 a 30 de novembro) - seis longas-metragens têm a cidade como cenário ou fornecedora de atores e técnicos. E dois deles são realizações de diretores brasilienses (*No Coração dos Deuses*, de Geraldo Moraes, e *Arne Sucksdorff*, de Fernando Camagos). Também está na disputa, o documentário de longa-metragem *Senta a Pua*, do brasiliense Erik de Castro

A paisagem física de Brasília está nos filmes *O Dia da Caça*, do carioca Alberto Graça; *Fé*, do paulista Ricardo Dias e *A Terceira Morte de Joaquim Bolívar*, do também carioca Flávio Cândido.

O Tronco, de João Batista de Andrade, rodado na região geográfica do DF (em Pirenópolis), conta, em seus créditos artísticos e técnicos, com vários profissionais brasilienses. O ator candango, Henrique Rovira, interpreta um dos principais personagens do filme, o coronel Arthur Mello. Marianne Vicentini, Andrade Jr., Wilson Morais, Fernanda Ivar e Henrique Cabral aparecem em papéis menores.

Estes longas-metragens estão, por tais características, habilitados a concorrer ao Troféu Câmara Legislativa do DF (e a prêmio em dinheiro no valor de R\$ 60 mil? Esta premiação, criada em 1996, por sugestão do então deputado distrital, Geraldo Magela (através da Resolução 117), cercou-se, desde o nascido, por grande maleabilidade em sua aplicação. Por isto, a resposta é complicada. Se se seguir, ao pé da letra, o vago texto da Resolução 117, alguns deles estarão eliminados.

O artigo primeiro da Resolução diz que o trofeu "será concedido, anualmente, aos melhores filmes que, simultaneamente, tenham sido rodados no DF e estejam inscritos no Festival de Brasília nas seguintes categorias (longa e curta 35 mm; longa, média e curta em 16mm)".

São, portanto, cinco os trofeus. E os critérios definidores atêm-se à especialidade (ser filmado no DF) e à inscrição no Festival (termo vago incapaz de esclarecer se os filmes devem estar nas mostras competitivas ou não). Basta inscrever-se para a seleção? E se nenhum dos filmes for selecionado? Basta que sejam exibidos em alguma janela do Festival?

Ano passado, o único longa-metragem que preenchia parte das exigências da Resolução 117 - *Atlântico Negro, na Rota dos Orixás*, de Renato Barbieri - não conseguiu passar pela peneira da comissão de seleção. O que se fez então? Ele foi exibido em caráter *hors concours*, na noite inaugural do XXXI Festival de Brasília. E, no final, levou prêmio e troféu de melhor longa da Câmara Distrital. E não teve nenhum concorrente. Já entrou na arena com o prêmio garantido.

Este ano, se os critérios forem igualmente elásticos (em especial, se - mais uma vez - forem aceitos filmes fora da grade da mostra competitiva e se der vez a produções que empreguem atores e técnicos brasilienses) a concorrência será das mais animadoras.



No Coração dos Deuses: diretor, atores e técnicos brasilienses

É ilusão acreditar que os seis filmes serão selecionados. Se assim fosse, não sobraria uma vaga sequer para filmes 100% inéditos (como *Hans Staden*, *As Gêmeas, Cruz e Souza*) ou de imensas qualidades (como *São Jerônimo*, um Bressane de primeiro grandeza!), nem para as regionalidades

(caso do cearense *Milagre em Juazeiro*), etc, etc.

O que fazer, então? Adotar procedimento similar ao do Festival de Gramado com os curtas gaúchos? Lá, a produção local disputa vaga(s) na mostra competitiva nacional. Os que não conseguem passar pela peneira são exibidos - em

Mostra de Filmes Gaúchos - para o Juri do Prêmio Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, modelo do prêmio do Legislativo candango.

O comando do Festival Brasília pode estudar esta fórmula com a comissão de seleção. Quem for para a mostra principal tem seu espaço ga-

rantido nas sessões em horário nobre do Cine Brasília. Os demais entram em mostra informativa e passam por avaliação restrita ao Prêmio Câmara Distrital.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Correspondente do JORNAL DE BRASÍLIA

FILME A FILME

Civilização viu cinco dos seis filmes que têm Brasília como cenário, ou profissionais da cidade em seus créditos artísticos e técnicos. Só não assistiu aos filmes *Arne Sucksdorff* e *Senta Pua*, de Erik de Castro:



■ **O Tronco**, de João Batista de Andrade (GO) - Rodado em Pirenópolis (cidade da região geo-econômica do DF). Ganhou Prêmio do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, uma das instituições que constam de seus créditos financeiros. No elenco estão seis atores brasilienses (Henrique Rovira, Andrade Jr., Marianne Vicentini, Wilson Morais, Fernanda Ivar e Henrique Cabral). Nos créditos técnicos e de produção, há vários profissionais brasilienses.

■ **No Coração dos Deuses**, de Geraldo Moraes (DF/GO) - O cineasta Geraldo Moraes é um gaúcho-brasiliense. Está na cidade desde o começo dos anos 70. É professor aposentado da UnB. Mesmo caso da atriz (e produtora) Malu Moraes. O filme, rodado em Tocantins, conta com diversos atores e técnicos brasilienses nos créditos.

■ **O Dia da Caça**, de Alberto Graça (RJ) - Thriller policial

rodado na Amazônia e Brasília. A história, co-produzida por franceses, envolve traficantes de droga e mostra muitas imagens da capital brasileira. No caso, do centro geo-político do país. O filme reforça a imagem da cidade como terreno de falcatruas políticas ligadas ao Legislativo. Como contraponto, oferece um repórter (da revista *Brasília em Foco*) idealista e honesto (Felipe Camargo).



■ **Fé** - Ricardo Dias (SP) - O filme foi rodado em várias regiões do país e no DF (no Vale do Amanhecer, no Plano Piloto e no território espiritual de Raul de Xangô). Este, que é o segundo documentário de longa-metragem de Ricardo Dias, tem apoio do Pólo de Cinema e Vídeo. Além de mostrar o filme na mais importante vitrine do Festival - o Cine Brasília - dias quer promover, no mesmo período, sessão ao ar livre no Vale do Amanhecer, arredores de Planaltina.